

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Conferências

Organizadores

Jorge Fernandes Alves

Pedro Vilas-Boas Tavares

Porto, FLUP, 2020

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto I Conferências

ORGANIZAÇÃO: Jorge Fernandes Alves e Pedro Vilas-Boas Tavares

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: 2021

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 250 exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-8969-74-3

ISSN: 1646-1525

Apresentação

As designadas “Conferências do 19” surgiram no âmbito do ciclo de atividades comemorativas do centenário Faculdade de Letras da Universidade do Porto, criada pela Lei n.º 861, de 27 de agosto de 1919, emergente num contexto cultural que se pode considerar marcado pelo movimento da *Renascença Portuguesa*, desenvolvido, desde 1910, em torno da revista *A Águia*. A reivindicação de uma Faculdade de Letras, a par da de Direito, para completar a Universidade do Porto, verificou-se desde 1911, ante a frustração de se ver uma Universidade criada apenas com duas Faculdades (e a promessa de uma terceira) que eram tão só a elevação a este estatuto de duas escolas superiores já existentes desde o governo setembrista, marcado pela ação de Passos Manuel, em 1836-1837. Por isso, as pressões para a sua criação vieram do interior da Universidade e do exterior, a partir da mobilização da sociedade, com reuniões de grupos estudantis que se mobilizaram, nos inícios de 1919, para esse efeito, agregando a si o apoio de instituições relevantes da cidade do Porto, reuniões que foram importantes para impulsionar a tomada de decisão política, de que se dá conta num dos textos que integram esta coletânea.

No entanto, esta primeira fase da Faculdade é geralmente referenciada como “Faculdade Primitiva”, dado ter sido extinta no período da Ditadura Militar (em simultâneo com Direito, de Lisboa, e Farmácia, de Coimbra), através do Decreto n.º 15.365, de 12 de abril de 1928, da autoria do ministro Alfredo de Magalhães, por sinal reitor eleito da Universidade do Porto, chamado a ministro em pleno mandato. A Faculdade encerraria as atividades em 1931, após terminar os cursos iniciados antes do referido decreto.

Importa dizer que, além dos clamores públicos, nem toda a Universidade do Porto aceitou esse processo, como se pode ver, desde logo, em 1933. Com

efeito, o vice-reitor então em exercício interino de reitor, Adriano Rodrigues, numa brochura publicada nesse ano e intitulada – *Universidade do Porto: atividade científica, ação social, aspirações, missão na vida nacional* –, postulava um quadro de dez mandamentos para a Universidade e o décimo era, sem dúvida, “restituição à Universidade da Faculdade de Letras e conversão em Normal de um dos Liceus da cidade”, procurando, assim, resgatar para a Universidade o campo das Humanidades e sua ligação à formação de docentes. O ambiente político constrangedor do Estado Novo e a moderação das autoridades académicas aconselhavam a discrição e a paciência nesta reivindicação de reabertura da Faculdade de Letras que, com regularidade, se fazia nas cerimónias inaugurais do ano através do Reitor Amândio Tavares ou por ocasião das reuniões dos antigos estudantes de Letras na Universidade. Um deputado e docente da Universidade do Porto, Mendes Correia, pedia o restabelecimento da Faculdade de Letras na Assembleia Nacional em 21 de março de 1946, tal como o deputado Urgel Orta em duas intervenções nos inícios de 1958. A Faculdade, contudo, só voltaria em 1961.

Para além do hiato de cerca de trinta anos significar uma rutura, pois antigos docentes ou alunos não tiveram hipótese de serem repescados para o novo quadro docente, que seria enquadrado em novos padrões decorrentes do regime político do Estado Novo então em vigor, a verdade é que este processo não desdiz a apetência da Universidade do Porto pelas Humanidades nem pode levar à rejeição do que foi ensinado e publicado, não obstante problemas e contradições variadas. Antes pelo contrário, torna-se legítimo relevar a herança humanista veiculada pelo rasto luminoso da primeira Faculdade e da obra dos seus mestres (como Leonardo Coimbra, Damião Peres ou Hernâni Cidade), bem como dos seus discípulos que, atendendo às circunstâncias políticas constrangedoras, se espalharam pelo País e/ou pelo mundo, evidenciando nomes como Agostinho da Silva, Álvaro Ribeiro, Delfim Santos, Sant’Anna Dionísio, Joaquim Magalhães, entre tantos. Essa relevância acabou por ser feita no pós-25 de abril de 1974, nomeadamente pelos intelectuais que se agruparam na revista *Nova Renascença*, com relevo para a figura de José Augusto Seabra, cujo papel na valorização do legado de Leonardo Coimbra é incontornável, mas não só, pois a instituição e a herança das principais figuras da Faculdade primitiva têm vindo a ser objeto de estudos académicos recentes. O centenário da criação tornou-se, pois, um momento simbólico para sinalizar a memória da Faculdade primitiva, criando mais uma oportunidade para ultrapassar o arco do tempo e identificar finalidades convergentes que passam pela valorização da Cultura, da História, da Filosofia, das Ciências Humanas e Sociais.

Neste quadro da celebração do centenário, entendeu a Direção da Faculdade promover um conjunto de atividades – Colóquio, exposições, con-

ferências – que, durante o ano de 2019, procuraram explicitar o papel das Humanidades na sociedade atual como um tributo de reflexão suscitado pela evocação da Faculdade Primitiva, no complexo fio histórico das continuidades e/ou das ruturas.

Integradas nessa mobilização de vontades, pela sua parte, as “Conferências do 19” procuraram marcar e fomentar encontros em torno do dia 19 de cada mês ao longo do ano de 2019, numa perspectiva de tertúlia, revisitando expressões em torno da velha FLUP e das suas circunstâncias, suscitando diálogos diversificados e livres com a velha Escola, animado, cada encontro, pela conferência de um investigador da FLUP ou convidado, apresentado por outro investigador, num périplo por locais de cultura da cidade do Porto – FLUP, arquivos, bibliotecas, escolas. Cada conferência abordaria um tema ligado à Faculdade, com relevo para os diferentes ramos disciplinares então ministrados e suas heranças. São os textos dessas conferências que se apresentam neste volume.

Iniciou-se esse ciclo por uma conferência sobre a emergência da FLUP, no seu contexto histórico e no jogo das posições académicas e políticas, num quadro conjuntural complexo, no imediato pós-Grande Guerra e, em termos nacionais, no pós-sidonismo e na ressaca de tentativas de restauração monárquica (sessão realizada no Anfiteatro Nobre da FLUP). Seguiu-se uma outra voltada para interpretação da turbulência política observada em 1919, em conferência realizada no Salão Nobre da Irmandade da Lapa. E outras, em sucessão mensal e temáticas diversas: uma evocação da chamada História de Portugal de Barcelos, organizada por Damião Peres (no auditório da Casa do Infante); a Geografia na antiga FLUP na sua herança ratzeliana (na Biblioteca Pública); os estudos ingleses (na Galeria da Biodiversidade, Jardim Botânico); Filosofia da liberdade e pedagogia da liberdade como ideia fundadora de Leonardo Coimbra para a criação da FLUP (na Casa Comum, Reitoria); a cidade, cultura e turismo nas suas encruzilhadas (auditório da Biblioteca Almeida Garrett); o Porto em 1919 (no Arquivo Distrital do Porto); Aarão de Lacerda e a historiografia da arquitetura românica (no Museu Soares dos Reis); a formação de professores pela FLUP (na escola Francisco Torrinha); Leonardo Coimbra e os sistemas filosóficos seus contemporâneos (no Anfiteatro Nobre da FLUP).

Aos textos do ciclo “Conferências do 19”, acrescentam-se neste volume mais três textos de conferências que emergiram em paralelo e se compaginarão com as suas temáticas, sobre Luís Cardim, Leonardo Coimbra e Raúl Brandão, complementando-o.

Importa ainda referir outras atividades que acompanharam o percurso de atividades comemorativas, alusivas à FLUP. Referindo algumas das mais significativas, sublinhem-se: a exposição documental patente na Bibliote-

ca da FLUP, intitulada *Entrou-me uma alma nova! Faculdade de Letras do Porto (1919-1931)*; a exposição 100 anos FLUP: a história contada pelos estudantes (FLUP); a exposição *1919 – O tempo e o olhar no ano da FLUP*, que decorreu no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, em Vila Nova de Gaia, em cujo auditório teve lugar também o colóquio *1919 no horizonte histórico*; o Colóquio internacional “As Letras entre a tradição e a inovação”, que decorreu na FLUP e na Reitoria. Finalmente, uma referência para a grande exposição *Culturas e Geografias: centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 1919-2019*, que esteve patente no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, dando a conhecer as coleções que integraram o acervo museológico e artístico da Faculdade de Letras durante a primeira fase da sua existência (1919-1931), com um catálogo próprio.

Jorge Fernandes Alves
Pedro Vilas-Boas Tavares